



# Iniciação à Vida Cristã a partir da casa e da comunidade

Initiation to the Christian Life from home and community

*Silvia Regina da Rosa Togneri\**

FACASC

*Marlene Bertoldi\*\**

FACASC

*Maria de Fátima Stippe\*\*\**

Recebido em: 01/02/2022. Aceito em: 06/04/2022.

**Resumo:** *Este artigo procura demonstrar que a catequese, com inspiração catecumenal, compreende a Igreja como a casa da Iniciação à Vida Cristã, estando construída sobre três pilares: Palavra, Pão e Caridade. A Palavra de Deus, o Pão e a Caridade estão entrelaçados com a Iniciação à Vida Cristã, quando falamos em família-casa-comunidade. A casa, no contexto bíblico, sempre foi muito valorizada como base de uma sociedade que se desenvolve com valores provindos da convivência familiar. É neste convívio que passa de geração a*

\* Mestre em Teologia (Escola Superior de Teologia – EST, São Leopoldo, RS, 2011). Especialista em Assessoria Bíblica – DABAR II (EST, São Leopoldo, RS, 2006). Graduada em Teologia (Instituto Teológico de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 1997). Convalidação em Teologia (Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2018). Graduada em Engenharia Florestal (Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 1974). Coordenadora do Programa de Extensão Comunitária da FACASC.

E-mail: silviatogneri@gmail.com.

\*\* Especialista em Catequética (Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC-PR, Curitiba, PR, 2006). Bacharel em Teologia e Catequese (Pontifícia Universidade Urbaniana, Roma, 1997). Membro do corpo docente da FACASC. Coordenadora do Serviço de Animação Bíblico-Catequético na Arquidiocese de Florianópolis desde 1990 e do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Catequética da FACASC (NUPEC).

E-mail: marlene@arquifln.org.br.

\*\*\* Especialista em Mercado de Trabalho em Desenvolvimento Rural Sustentável (Unochapecó, Chapecó, 2003). Especialista em Saúde Pública (Faculdade São Camilo de Administração Hospitalar, Florianópolis, 1988). Graduada em Serviço Social (Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 1983). Servidora da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina, aposentada. Catequista, Coordenadora da Animação Catequética na Paróquia Santo Antônio – Itapema.

E-mail: fatimastippe@hotmail.com.



*geração a história da aliança, da eleição do povo e da bênção, três elementos que também Jesus recebeu desde a sua infância, na sua catequese familiar. A Iniciação à Vida Cristã realiza-se numa comunidade de irmãos e irmãs, que assume seriamente a vivência da fé. O cultivo da fé não poderá ser terceirizado como tarefa exclusiva da catequese, trata-se, na verdade, de um tripé: a presença na Igreja, principalmente na celebração dominical, a participação ativa nos encontros catequéticos e a vivência da oração em família. Os tempos de pandemia nos colocaram em nova posição para analisar as realidades eclesiais, dentre as quais a catequese. Entre desafios e oportunidades, vislumbramos muitas possibilidades de continuar com empenho o processo de evangelização, com métodos adaptados, personalizados, que não esqueçam a importância dos vínculos comunitários.*

**Palavras-chave:** *Catequese. Família. Casa. Comunidade. Aliança. Eleição. Bênção.*

**Abstract:** *This article seeks to demonstrate that catechesis, with catechumenal inspiration, understands the Church as the house of Initiation into Christian Life, being built on three pillars: Word, Bread and Charity. The Word of God, the Bread and Charity are intertwined with the Initiation to the Christian Life, when we talk about family-house-community. The house, in the biblical context, has always been highly valued as the as the basis of a society that develops with values deriving from family life. It is in this conviviality that the history of the covenant, the election of the people and the blessing passes from generation to generation, three elements that Jesus also received from his childhood, in his family catechesis. The Initiation into Christian Life takes place in a community of brothers and sisters, who take seriously the experience of faith. Cultivation of faith cannot be outsourced as an exclusive task of catechesis. It is, in fact, a tripod: presence in the Church, especially in the Sunday celebration; active participation in catechetical meetings; the experience of prayer in the family. The times of pandemic have placed us in a new position to analyze many realities including ecclesial realities, including catechesis. Among challenges and opportunities, we see many celebrations; active participation in catechetical meetings; the experience of prayer in the family. The times of pandemic have placed us in a new position to analyze many ecclesial realities, including catechesis. Among challenges and opportunities, we see many possibilities to continue the evangelization process with commitment, with adapted and personalized methods, which do not forget the importance of community bonds.*

**Keywords:** *Catechism. Family. House. Community. Alliance. Election. Blessing.*

## Introdução

Este é o tempo da graça que Deus nos concede para uma nova evangelização. Tempos de muitos desafios, mas também de muitas oportunidades para a descoberta de meios modernos para espalhar a Boa Notícia, conforme o pedido de Jesus: “Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa-Nova a toda criatura” (Mt 28,18 e Mc 16,15).



Desde 2015, as *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil da CNBB* nos chamam atenção para assumir a catequese com inspiração catecumenal, isto é, dentro de um processo de Iniciação à Vida Cristã. Em 2019, com as novas diretrizes assumidas dentro do quadriênio, passou-se a usar a imagem da casa como símbolo de acolhimento e envio. Assim, as Diretrizes são pautadas sobre quatro pilares: Palavra, Pão, Caridade e Ação Missionária. Estas estão entrelaçadas com a Iniciação à Vida Cristã, quando falamos em família-casa-comunidade. “As pequenas comunidades são ambientes para a acolhida dos que buscam a Deus”.<sup>1</sup> A inspiração vem do que se fala na apresentação destas mesmas Diretrizes: “Em seu duplo movimento, a Casa permite o ingresso e a saída. [...] Com isso, ela remete aos dois grandes eixos inspiradores dessas Diretrizes: comunidade e missão”.<sup>2</sup>

Neste trabalho queremos sustentar a importância de que a casa, como espaço familiar, já estava presente na vida de Jesus e das primeiras comunidades, uma vez que Jesus desenvolveu sua atividade missionária também nas casas, como a de Pedro, de Marta e Maria, de Zaqueu, de Simão e depois os apóstolos, nas casas de Lídia, de Cornélio, entre muitas outras, e onde Jesus, foi anunciado e ficou conhecido, dando início às igrejas domésticas.

Assim, nos primórdios, como hoje, precisamos voltar a acalantar a fé no meio familiar e reforçar a importância da comunidade, pois como afirmou Tertuliano: “os cristãos se fazem, não nascem”.<sup>3</sup> Também de ressaltar a missão de cada família cristã em manter viva a fé, e de ser responsável pelos primeiros passos de iniciação cristã de seus membros.

## 1 O ambiente familiar na cultura bíblica, tendo por base a eleição, a aliança e a bênção

A casa, no contexto bíblico, sempre foi muito valorizada como base de uma sociedade que se desenvolve com valores provindos da

<sup>1</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023*. Brasília: CNBB, 2019. p.53; Doc 109, 89.

<sup>2</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2019, p. 8; Doc 109,8.

<sup>3</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Iniciação à Vida Cristã: um Processo de Inspiração Catecumenal*. Brasília: CNBB, 2009. n. 11, p. 20; Est. 97, 11.



convivência familiar. É neste convívio que passa de geração a geração a história da aliança, da eleição do povo e da bênção, três elementos que também Jesus recebeu desde a sua infância, na sua catequese familiar. O jeito judaico de transmitir para os filhos a fê dos antepassados era a narrativa das histórias da fê.

No judaísmo, “[...] é na família que a aliança deve ser vivida de modo mais pleno, e a experiência de Deus é feita de muitos modos, especialmente nos relacionamentos amorosos entre pais e filhos”.<sup>4</sup> As crianças e os jovens acompanham os pais na vivência da fê, sendo estes os responsáveis pelos ritos tradicionais que acontecem em família, no interior da casa, seguindo o pedido de Deus para que façam a memória de sua ação libertadora no Egito e de suas orientações no cumprimento da Aliança.<sup>5</sup> Reafirmam isso, no Salmo 78, quando cantam as glórias de Deus: “O que nós ouvimos, o que aprendemos, o que nossos pais nos contaram não ocultaremos a seus filhos; mas vamos contar à geração seguinte as glórias do Senhor, o seu poder e os prodígios que operou” (Sl 78,3-4).

Jesus cresceu e viveu numa família de cultura judaica. Os pais de Jesus eram judeus, portanto, viveram o sentido da fê dentro da cultura judaica. Nos evangelhos vemos como a família de Jesus vivia as tradições de seu povo. O evangelista Lucas nos narra como a família judia circuncida o menino no oitavo dia e depois o leva a Jerusalém para ser apresentado ao Senhor e oferece os sacrifícios segundo a prescrição da tradição judaica (Lc 2,21-23). Jesus também passou por estes ritos e participou da Páscoa, festa central do povo judeu. Para entender a cultura familiar e o projeto de Jesus é preciso ligar a sua história com a dos seus antepassados, do seu povo.

O cotidiano de toda família judia inicia e é continuado com uma variedade de bênçãos. De fato, “[...] o costume de pronunciar uma *berakhá* ou bênção faz parte de todo judeu piedoso. Os salmos são a expressão de que tudo se torna sagrado para uma família judia”.<sup>6</sup> Diz o Salmo 96: “Cantem para Javé, ó terra inteira. Cantem para Javé, bendigam o seu santo nome”. Podemos imaginar os pequenos gestos cotidianos

<sup>4</sup> Fala do Professor Vanildo Paiva na palestra *A Casa e a Palavra na Catequese*, proferida no 14º Seminário Regional de Catequese e Liturgia em 31 de julho de 2020, promovido pelo Regional SUL 4 da CNBB, na modalidade remota.

<sup>5</sup> Dt 6,4-7; Dt 6,20; Dt 11,18-19.

<sup>6</sup> BOFF, Clodovis. *O cotidiano de Maria de Nazaré*. Brasília: Ed. Salesiana, 2003. p. 15.



da família de Jesus, em sua casa simples, pronunciando o que já está na memória, os salmos.

A casa de Nazaré é o lugar de onde Jesus começa a expandir a sua missão. É no espaço familiar que Jesus mostra seu modo de viver e sua prática, convivendo com as dores e alegrias de muitas pessoas. Para recordar alguns episódios: a cura da sogra de Pedro (Mc 1,29-31); a cura do leproso na casa de Simão (Mc 14,1-10); quando foi ungido por uma mulher (Mc 14,3-9); quando frequenta a casa de Marta, Maria e Lázaro, seus amigos (Lc 10,38-42); quando participa de refeições com os pecadores, como Levi e Zaqueu (Lc 19,1-10); ao mandar os discípulos em missão, manda-os entrarem nas casas para desejar-lhes a paz (Mc 6,10); e foi numa casa, ao redor de uma mesa, que celebrou a ceia pascal com seus apóstolos (Mt 26, 17-19; Mc 14, 23).

No tempo de Jesus, a celebração da Páscoa era presidida pelo pai de família e lembrava o passo a passo do caminho de libertação do Deus da aliança. Jesus celebra com os discípulos a Páscoa, mas dá um novo significado, pois agora, é Ele a nova e eterna aliança. (Hb 13,20), dando novo significado para a aliança, feita na fé, ampliando a dimensão de família e de pertencimento.

A fé na cultura judaica passa pelo cotidiano. É na casa, ao redor da mesa, que se realizam os ritos, as celebrações, os símbolos, as orações, e as festas. Tudo fala de uma relação muito próxima na construção do aprendizado dos filhos, como pede o texto da Torá: “E trará gravadas no teu coração todas estas palavras que hoje te ordeno. Tu as repetirás com insistência a teus filhos e delas falarás quando estiveres sentado em casa ou andando a caminho, quando te deitares ou te levantares” (Dt 5,6-7). No batente da porta das casas judias há o *mezuzá*, pequeno pergaminho que contém o *Shemá* (Dt 6,9), e este lembra a cada judeu, que passa por esta porta, sua pertença a um povo com uma cultura religiosa específica – através deste símbolo ele se identifica como aquele que vive a aliança de Deus realizada com os seus antepassados, os patriarcas e as matriarcas: Abraão e Sara, Isaac e Rebeca e Jacó, Raquel, Lia, Bala e Zelfa.

*Em cada página da Bíblia, Deus e o homem encontram-se num contexto profundamente ‘familiar’: Deus é o ‘Deus dos antepassados’, é o Deus ‘do dom da terra’ e o homem é ‘a obra das mãos de Deus’, é o seu filho primogênito, o seu eleito, e o seu aliado.<sup>7</sup>*

<sup>7</sup> GIRONI, Primo. *Guia para ler a Bíblia*. São Paulo: São Paulo 1996. p. 28.



No Antigo Testamento a eleição, a aliança e a bênção são três elementos interligados, a partir da Aliança com Abraão, reafirmada com Isaac, Jacó e depois com o povo no deserto do Sinai.<sup>8</sup> A relação com o sonho de ter filhos, terra e paz está no livro do Gênesis onde temos a chave da interpretação destes três elementos na história do povo bíblico, marcada pela fidelidade de Deus e a oscilação entre a fidelidade e a infidelidade do ser humano. Deus, porém, sempre esteve próximo e se manifesta como companheiro, libertador e familiar.

### 1.1 A eleição

A eleição se deu a partir de Abraão (Gn 12, 1-3), nos inícios da constituição do povo, depois com Jacó, quando foi denominado de Israel (Gn 32,29) e continuou com o povo no Sinai (Ex 19,5). A respeito Suzana Chwartz esclarece:

*Embora Deus tenha firmado uma aliança eterna com os patriarcas, o conceito de eleição se aplica a Israel quando este é definido como povo, uma unidade corporativa designada pelos nomes: bnei-israel, ‘am israel, qahal israel’, ou ainda ‘adat bnei-israel’. É sabido hoje que as relações contratuais firmadas entre o povo de Israel e seu Deus seguem o modelo dos contratos de suserania e vassalagem neoassírios e hititas, com estipulações, penalidades e benefícios específicos.<sup>9</sup>*

Assim, da parte do povo é necessário o cumprimento dos mandamentos de Deus, estabelecidos no Sinai, confirmando sua fidelidade ao Deus libertador,<sup>10</sup> que por sua parte irá conduzir o povo à Terra Prometida e o beneficiar com a posse da terra, colheitas fartas, proteção e bênçãos.

Também a eleição faz de Israel, o povo escolhido por Deus, a assumir uma responsabilidade única, ser luz para as nações que comunica a salvação,<sup>11</sup> considerada como um privilégio com relação às outras nações. É o Senhor Deus quem elege Israel para ser seu povo. “Eu os tomarei para mim como meu povo e serei Deus para vocês” (Ex 6,7). Reafirmando essa

<sup>8</sup> Gn 12,1-3; Gn 26,1-5.23; Gn 28,12-15; Gn 36,9-12 e Ex 19,5.

<sup>9</sup> CHWARTS, Suzana. *A eleição de Israel na Torá*. Cadernos de Língua e Literatura Hebraica (10), 2021. p. 142. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-8051.cllh.2012.53659>. Acesso em: 5 jan. 2022.

<sup>10</sup> Conforme Dt 26,18: “E o Senhor te escolheu, hoje para que sejas para ele um povo particular, como te havia dito, a fim de guardares todos os seus mandamentos”.

<sup>11</sup> Is 49,6.



pertença o salmista reconhece a presença de Deus junto aos seus eleitos, olhando para seus antepassados: “Ó Deus, ouvimos com os nossos próprios ouvidos, os nossos pais nos contaram a obra que fizestes em seus dias, nos tempos de outrora” (Sl 44). Dando continuidade, ao longo da história da salvação, Deus realiza seu projeto e escolhe pessoas para caminharem consigo, e assim realiza sua eleição com todas as pessoas que o reconhecem como o Deus criador, libertador e Pai de Jesus.

## 1.2 A aliança

A aliança de Deus com seu povo se manifesta desde o início da Bíblia. A primeira aliança é a criação. É uma relação de amor entre Deus e o ser humano. O grande sinal da criação é o mundo criado e Adão, cercado por um paraíso, que se coloca em atitude de obediência perante Deus (Gn 1,27-28). Outro texto bíblico relata a aliança com Noé, cujo sinal é o arco-íris (Gn 6-7). A aliança com Abraão, a partir de sua escolha (Gn 12,1-3) tem sua ligação com o dom da terra e com a descendência (Gn 17,9-14). A aliança de Deus com o povo de Israel tem sua continuidade com a libertação do Egito e com o Decálogo, quando Deus estabelece os termos que os israelitas precisam respeitar para que Ele seja parte diária em suas vidas (Ex 19,3-5; 20,1-17) e assim se tornem a porção escolhida por Deus.

Dessa forma, o povo entende e vive em família a aliança como parte estruturante da vivência da fé. Na história do povo de Deus, o termo aliança se entrelaça na cultura e vivência familiar e nos clãs. “Eu estou estabelecendo minha aliança com vocês, com seus descendentes que vierem depois de vocês” (Gn 9,9). Percebemos que a aliança é um filão presente no caminhar da história do povo judeu. No judaísmo “[...] é na família que aliança deve ser vivida de modo mais pleno, e a experiência de Deus é feita de muitos modos, especialmente nos relacionamentos amorosos entre pais e filhos”.<sup>12</sup>

Com o passar do tempo, ao longo da história, muitas atitudes do povo influenciaram a aliança na vivência da fidelidade, e Jesus veio para renová-la no estilo de conversão do coração (Mc 7,20-23) e não apenas no cumprimento de normas e leis. No Novo testamento, Ele é a nova e eterna aliança (Lc 22,20) e revela que veio para levá-la à plenitude (Mt 5,17).

<sup>12</sup> Fala do Professor Vanildo Paiva na palestra *A Casa e a Palavra na Catequese*, proferida no 14º Seminário Regional de Catequese e Liturgia em 31 de julho de 2020.



### 1.3 A bênção

Na Bíblia, abençoar significa comunicar vida, paz e felicidade. Como estes bens vêm de Deus, cabe a Ele torná-los presente nas famílias e nas casas.abençoar é invocar o nome e o poder de Deus sobre uma pessoa, sobre uma família ou ainda sobre uma comunidade. A bênção também é sinal de plenitude.

A bênção é elemento presente desde a criação do homem e da mulher. “E Deus os abençoou” (Gn 1,28). Noutro momento, dirigindo-se a Abraão, Deus diz: “Vou fazer de você uma grande nação e abençoá-lo. Engrandecerei o seu nome. Seja uma bênção” (Gn 12,2). A bênção de Deus se manifesta ainda nas ações d’Ele, quando o povo de Israel segue seus mandamentos e é fiel a Aliança, pela abundância dos frutos da terra e pela paz (Lv 26,3-5.9).

A bênção ainda aparece muitas vezes ligada ao pai que abençoa a família e o pão no início das refeições. Quando está ligada à primogenitura a bênção é vital, pois tinha o significado de governar a família e outros (Gn 27,28-29). Uma vez pronunciada, não podia ser passada e nem anulada. Muitas vezes era acompanhada com a imposição das mãos. As bênções também têm o significado de saudar e agradecer, assim como quando Jacó abençoou o faraó quando este o recebeu no Egito (Gn 47,7.10). No livro de Rute vemos esta referência de saudação: “Booz chegou de Belém. Disse aos ceifadores: `O Senhor esteja convosco`” (Cf. Rt 2,4). Também a bênção pode referir-se a objetos que representam alguém, tal como Jesus abençoou o cálice da bênção (1Cor 10,16). A bênção sacerdotal de Nm 6,22 encontra-se até hoje na liturgia judaica.<sup>13</sup> Nela Deus oferece proteção, luz, compaixão e paz: “O Senhor te abençoe e te guarde. O Senhor faça brilhar sobre ti sua face e se compadeça de ti. O Senhor volte para ti o seu rosto e te dê a paz” (Nm 6,22).

## 2 A comunidade casa celebra e transmite a fé

A Iniciação à Vida Cristã realiza-se numa comunidade de irmãos e irmãs, que assume seriamente a vivência da fé, a fim de que aconteça a educação na fé “colocando as pessoas realmente em contato com Jesus

<sup>13</sup> MACHENZIE, John. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas. 1983. p. 114.





Cristo e convidando-as para segui-lo, ou não cumpreiremos nossa missão evangelizadora”.<sup>14</sup> Segundo Almeida,

*a Iniciação Cristã supõe que a pessoa já tenha tido algum contato com a proposta cristã e com Jesus e que esse contato tenha despertado não só um interesse para conhecê-lo melhor, mas também uma fé inicial... Tem o objetivo de ajudar a pessoa neste processo de crescimento e amadurecimento da fé em contexto eclesial.*<sup>15</sup>

A comunidade tem que ter as características da convivência da casa para poder ser o ambiente adequado para o iniciando assimilar o processo de fé de forma progressiva e perseverante. “Pequenas comunidades oferecem um ambiente humano de proximidade e confiança que favorece a partilha de experiências, a ajuda mútua e a inserção concreta nas mais variadas situações”.<sup>16</sup>

A comunidade era uma grande experiência vivida pelo povo de Israel, pois era a experiência comunitária, a partir das tribos, que tinham como referência a casa de Jacó, a grande comunidade de Israel.

Como vimos, Jesus privilegiou o espaço da casa para se encontrar e dialogar com as pessoas. Ele assumiu “caminhar” por todas as vilas, lugarejos e cidades para anunciar os valores do Reino. A partir da casa ele expandiu a sua missão num grupo de seguidores que formava a sua comunidade de convivência. “Os encontros de Jesus, ao longo de seu caminhar, criam oportunidades para experiências que reforçam e alargam as relações fraternas e comunitárias nos ambientes domésticos por onde Ele passa (Mt 8,14; Lc 10,38-42; Lc 19,1-10)”.<sup>17</sup>

A comunidade de Jesus afirma-se sobre uma convivência de irmãs e irmãos que vive a experiência do amor, do serviço e da missão. Para Jesus a comunidade tinha sentido se fosse missionária (Mc 9,33-35; 10,41-45). Atualizando esse sentido, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) declara que: “A formação de pequenas comunidades eclesiais missionárias, como prioridade da ação evangelizadora, oferece

<sup>14</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, Aparecida. *Documento de Aparecida*. CNBB, 2008. p. 135; DAp. 304, 287.

<sup>15</sup> ALMEIDA, Antônio José de. *ABC da Iniciação Cristã*. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 25. Coleção Jesus Mestre.

<sup>16</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2019, p. 29; Doc. 109, 87.

<sup>17</sup> CNBB, 2019. p. 47; Doc. 109,74.



um referencial concreto para a conversão pastoral”.<sup>18</sup> Por isso a eleição está em função de uma missão para o anúncio, em vista de adesão de fé e uma vivência justa e fraterna.

Jesus elege os discípulos por pura iniciativa própria (Jo 1,35-37; Mt 4,18-20) e escolhe Paulo para uma missão específica, o anúncio aos gentios. Seguindo o exemplo de Jesus, Paulo chama os cristãos da cidade de Colossas de “[...] escolhidos de Deus para se revestirem dos sentimentos de compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência” (Cl 3,12). Ao revestirem-se destes sentimentos, certamente, Paulo trata das relações de conflito em que vive esta comunidade.

Nos Atos dos Apóstolos temos a concretização da vivência comunitária dos primeiros cristãos. Em At 2,42-47 encontramos o modo idealizado da vida comunitária cristã primitiva que nasce a partir de Pentecostes, do ambiente da casa para a comunidade. Os elementos fundamentais desta novidade são: a escuta da Palavra, as orações, as celebrações, a comunhão fraterna, as refeições em comum e a partilha dos bens.

*A casa permitiu que o cristianismo primitivo se organizasse em pequenas comunidades com poucas pessoas, que se conheciam e compartilhavam a mesa da refeição cotidiana. Pela partilha da mesa entre todos os cristãos se estabelecia um novo modo de vida marcado pelo seguimento de Jesus Cristo. A hospitalidade era aberta também a pecadores e pagãos.*<sup>19</sup>

Assim, os discípulos e as discípulas respiram e colocam em prática o que viveram na última ceia. Cristo se fez servo, o pão foi partilhado. Ele oferece a sua vida no sangue da nova aliança (Mt 26,28) para que todos tenham vida plena.

## 2.1 Características da comunidade – casa como espaço para a Iniciação à Vida Cristã

A comunidade eclesial, a partir do que apresentamos, é um espaço onde fé e vida estão integradas – é o lugar onde a Palavra de Deus é vivenciada e aprofundada, conjuntamente com a celebração eucarística

<sup>18</sup> CNBB, 2019, p. 30; Doc. 109, 34.

<sup>19</sup> CNBB, 2019, p. 49; Doc. 109, 80.



e a colocação em prática da solidariedade.<sup>20</sup> É impossível pensar uma Iniciação à Vida Cristã (IVC) sem a comunidade. Para Almeida: “A Iniciação Cristã não é trabalho especializado de alguns, mas ação de toda a comunidade eclesial. Toda a comunidade deve se conscientizar, se engajar e participar do processo de Iniciação”,<sup>21</sup> pois segundo o *Documento de Aparecida* quando uma comunidade assume a iniciação cristã está despertando o sentido missionário e renovando a vida em comunidade.

Já, nos primeiros séculos a comunidade cristã começou a se preocupar com os futuros cristãos a respeito da iniciação como processo. Para mergulhar no mistério de Jesus Cristo, primeiramente, recebiam o querigma, depois ocorria a formação que era fundamentada na doutrina dos Apóstolos (At 2,42). A iniciação cuidava da adesão a Jesus Cristo como a inserção dos candidatos na comunidade. A Quaresma era o tempo de preparação intensa, pois a recepção dos sacramentos ocorria na Vigília Pascal. Antes, porém se buscava saber quais as motivações dos candidatos e sua aceitação e acolhida na comunidade. A mistagogia – o mergulho no mistério de Deus – era o tempo da vivência e do aprofundamento dos mistérios recebidos. O processo de IVC era acompanhado e conduzido pela comunidade.

Precisamos pensar em uma comunidade com fisionomia de casa, onde se possa viver os princípios do Evangelho. Pois,

*a comunidade que está comprometida com o processo de iniciação é aquela onde quem chega se sente em casa é acolhido com fraternidade e estimulado a servir com alegria e esperança, a fim de minorar os sofrimentos e injustiças do mundo.*<sup>22</sup>

A CNBB nos lembra que “Comunidades Eclesiais de Base são espaço de convivência, compromisso e educação da fé e desenvolvem um jeito de ser Igreja que é uma verdadeira iniciação cristã”.<sup>23</sup> É preocupante perceber como o sentido de comunidade foi se apagando ao longo dos tempos. Deu-se grande importância aos sacramentos, com

<sup>20</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. *A Caminho de um Novo Paradigma para a Catequese*. III Semana Latino-Americana de Catequese. Brasília: CNBB, 2008. p. 29.

<sup>21</sup> ALMEIDA, 2010, p. 26.

<sup>22</sup> CNBB, 2009, p. 29; Est. 97, 31.

<sup>23</sup> CNBB, 2009, p. 27; Est 97, 28.



escassa inserção do sentido da pertença. *As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora 2019-2023* recomendam que:

*As pequenas comunidades são ambientes propícios para a acolhida dos que buscam a Deus. A partir do encontro com a Palavra e da experiência de vida fraterna na comunidade, as pessoas são introduzidas no processo da Iniciação à Vida Cristã.*<sup>24</sup>

A consciência de que a educação da fé dos adultos, vista nos documentos da Igreja, é o modelo principal, prescinde de uma decisão mais forte por parte das nossas comunidades. O mundo cada vez mais urbano nos faz buscar novos modos de os cristãos e cristãs viverem o sentido da comunidade-casa.

## 2.2 A comunidade da Iniciação à Vida Cristã é casa de portas abertas e lugar de encontro

*As Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023* nos dão a direção e a maneira de como ser comunidade-casa. A comunidade precisa ser *Casa: espaço do encontro*. “O encontro com Deus é também intermediado pelo encontro com o irmão que tem nome, história, dores, alegrias, sonhos, conquistas e deseja ser acolhido, tornando-se presença significativa na vida da comunidade”.<sup>25</sup>

Cada pessoa, não importa o modelo de vida familiar constituído, suas diferenças de raça e de cor, deve ter espaço na comunidade em que se vive o mandamento do amor. Também, a comunidade como *Casa: lugar da ternura*, pois o Papa fala em “Revolução da Ternura”.<sup>26</sup> Destaca a comunidade como *Casa: lugar das famílias*. “A família é ponto de chegada para nossa ação pastoral e ponto de partida para a vida comunitária”.<sup>27</sup> *As Diretrizes* ainda apontam que a comunidade é *Casa: lugar de portas sempre abertas*. “Ela nunca poderá ser compreendida como casa de irmãos se fechar as portas para as pessoas mais vulneráveis”.<sup>28</sup> Pois, conforme conclusões da III Semana Latino-Americana de Catequese,

<sup>24</sup> CNBB, 2019, p. 53; Doc. 109, 89.

<sup>25</sup> CNBB, 2019, p. 71; Doc. 109, 133.

<sup>26</sup> CNBB, 2019, p. 72; Doc. 109, 134.

<sup>27</sup> CNBB, 2019, p. 73; Doc. 109, 138.

<sup>28</sup> CNBB, 2019, p. 75; Doc. 109, 141.



*A comunidade eclesial é o espaço para integrar a fé e a vida; é o lugar onde procuramos vivenciar e aprofundar a palavra de Deus, a celebração eucarística e a prática da solidariedade do amor. A comunidade é onde experimentamos o verdadeiro processo de educação da fé e da experiência eclesial.*<sup>29</sup>

A Iniciação à Vida Cristã está intrinsicamente dentro de uma comunidade. Diz o *Documento de Aparecida*: que a Igreja será uma comunidade quando estiver aberta ao outro, como uma casa acolhedora, de braços abertos e em profunda comunhão missionária.<sup>30</sup>

### 2.3 Família, pequena comunidade e espaço propício para a Iniciação à Vida Cristã

Segundo as *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora 2019-2023* “As famílias constituem-se como sujeito fundamental da ação missionária da Igreja, lugar de iniciação à vida cristã.”<sup>31</sup>

A família, transmissora de valores, é um núcleo natural de aprendizagem para os que a compõem. É nela que inicialmente se vivencia o amor, a fé, a fraternidade, o perdão e a justiça. Também nossos gostos, preferências, estilo de vida, nossos valores, se é verdade que não são totalmente determinados pela nossa origem familiar, são muito influenciados por ela, certamente.

Neste sentido, popularmente ouvimos que alguns aprendizados “vêm de berço”. Também a fé se encontra nesse contexto. Se a vida de fé se vive na família, a criança que aí nasce, cresce e se desenvolve e ambienta-se no mundo dos valores cristãos: oração, respeito mútuo, participação na vida da Igreja, leitura da Palavra de Deus e cultivo das virtudes. Se a semente encontra terreno bom, mais propício será o crescimento da planta, que tende a se desenvolver numa bela árvore e, assim, frutificar. O Papa na *Amoris Laetitia* diz: “O amor vivido nas famílias

<sup>29</sup> CNBB, 2008, p. 32.

<sup>30</sup> Cf. CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, *Documento de Aparecida*: texto conclusivo. 7. ed. Brasília: CNBB, 2008b. p. 169; DAP 304, 370.

<sup>31</sup> CNBB, 2019, p. 73; Doc. 109, 140.



é uma força permanente para a vida da Igreja”.<sup>32</sup> Também é na família que se dá o crescimento da vida no Espírito.

Muito se pode falar da catequese na família. Se o ambiente familiar for sentido como espaço de vida e de fé cotidiana expressa em todos os momentos, acontece que o terreno estará certamente preparado para que os processos de iniciação à vida cristã encontrem lugar. Pois os pais cristãos são os primeiros educadores dos filhos na fé, esperança e no amor.

Desta forma a família desempenha papel essencial na evangelização em vista de construção de um mundo melhor.<sup>33</sup> A casa-família e a casa-Igreja serão complementares na educação da fé, uma vez que ambas são colaboradoras no processo de Iniciação à Vida Cristã de seus membros. Perceber que interessa aos que vivem na mesma casa a fé que se está buscando, torna-se um grande impulso para um catequizando, pois ali descobre os exemplos, as ações e os motivos para o cultivo da fé.

Da família recebemos a vida que é a primeira experiência de amor e da fé. “O grande tesouro da educação dos filhos na fé consiste na experiência de uma família que recebe a fé, a conserva, a celebra, a transmite e dela dá testemunho”.<sup>34</sup> O contrário também é verdadeiro, quando a família não assume sua missão evangelizadora e compromisso cristão, que interesse haverá por parte dos filhos pela catequese e pela Igreja, se percebem que não há interesse dos adultos que convivem na casa?

Para a educação da fé dos filhos e filhas, o testemunho cristão de fé conta muito – e encontra respaldo também na comunidade de fé, que confiou exatamente na família para a função de acompanhar na vida da graça os que crescem em idade, conforme os compromissos assumidos no Batismo. Assim, como Jesus que crescia em idade, sabedoria e graça diante de Deus e dos seres humanos (Lc 2,52), toda pessoa humana deve crescer e se desenvolver, também na fé cristã.

### 2.3.1 Família, Igreja doméstica, transmissora da fé

Vida de fé, participação e interesse são características que se percebem em atos. Não é por acaso que se pode chamar a família *Igreja*

<sup>32</sup> FRANCISCO. *Exortação Apostólica pós sinodais Amoris Laetitia*. São Paulo: Loyola, 2016. n. 88, p. 62.

<sup>33</sup> Cf. CNBB, 2009, p. 79; Est. 97, 133.

<sup>34</sup> CNBB, 2008b, p. 66; DAp 304, 118.



*doméstica*, primeira comunidade, transmissora da fé. Na família, “como em uma igreja doméstica”<sup>35</sup>, amadurece a primeira experiência eclesial da comunhão entre as pessoas, na qual, por graça se reflete o mistério da Santíssima Trindade.<sup>36</sup> Quando Jesus encontra chão, na casa da família, quando as portas se abrem a Ele (Ap 3,20), a fé se torna “de casa”, não um elemento estranho a aprender por algum motivo que não se compreende bem, mas uma dimensão constituinte da vida, que cresce com a pessoa e sem a qual ela mesma não se compreende.

Obviamente esse será espaço propício para a Iniciação à Vida Cristã, que como tarefa terá o aprofundar a fé já vivida no ambiente familiar, apresentar de maneira mais sistemática esta fé, ampliar seus horizontes para colaborar na compreensão vital de tudo o que significa ser cristão. Pois “cabe aos pais envolverem suas famílias no processo integral de Iniciação à Vida Cristã de seus membros, e como casais cristãos dedicarem-se totalmente à boa educação humana e cristã de seus filhos e filhas”.<sup>37</sup>

E, um tema da catequese, também será a família, o projeto de Deus, isto é, o *Evangelho da família*. A Iniciação à Vida Cristã contribui para fortalecer na fé a visão cristã sobre a instituição familiar, quando faz olhar para a história da salvação e aí encontra os desígnios de Deus sobre ela e o próprio Deus vindo habitar numa família.

O cultivo da fé não poderá ser terceirizado como tarefa exclusiva da catequese, delegada a outros e não aqueles com quem se dá a convivência diária. Junto com a comunidade, a família é responsável direta pelo processo da Iniciação à Vida Cristã, acompanhado pela presença e o interesse. Trata-se, na verdade, de um tripé: a presença na Igreja, principalmente na celebração dominical; a participação ativa nos encontros catequéticos; a vivência da oração em família. Por esses três pontos passa a base em que se pode firmar um bom processo de iniciação que derive na esperada continuidade da vida cristã convicta, pessoalmente, cada vez mais assumida.

Devido à forma abrupta da presença da pandemia do Sars Cov 2 (Coronavírus) que afetou, a partir do início de 2020, todas as pessoas e

<sup>35</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto Conciliar. *Ad Gentes*. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1987. n. 24, p. 11.

<sup>36</sup> FRANCISCO, 2016, n. 86, p. 61.

<sup>37</sup> CNBB, 2009, p. 80; Est. 97, 137.



as pastorais e serviços da Igreja no mundo inteiro, a catequese precisou buscar alternativas para dar continuidade ao processo de Iniciação à Vida Cristã. Os encontros passaram a ser através de meios virtuais, com a utilização dos recursos digitais, tais como: *WhatsApp*, *Zoom* e *Google Meet*, e outros meios, entre eles os Programas de Rádio, muito usado nas pequenas comunidades.

O esforço e criatividade do catequista junto às famílias e catequizandos, para que os encontros semanais de catequese pudessem acontecer, exigiu comprometimento de todos e trouxe uma maior aproximação das famílias em relação à catequese no processo de evangelização. O Papa Francisco afirma que,

*[...] encontrar-se ao redor da mesa, como local privilegiado para o diálogo sobre fatos vividos e, em particular, para a catequese dos filhos (AL, n. 16) torna-se um grande desafio, porque os pais têm o dever de cumprir com seriedade, a sua missão educativa... e os filhos são chamados a praticar o mandamento: honra teu pai e tua mãe.<sup>38</sup>*

Em vista da situação vigente, os pais e/ou responsáveis foram chamados a assumir um papel que estava, por vezes, delegado à Igreja, também com relação à catequese. É importante salientar o testemunho de muitos pais de que os encontros da catequese realizados em família foram e continuam sendo uma experiência gratificante. Estes trouxeram a oportunidade de oração e leitura da Bíblia em família, algo que até então estava esquecido com a correria do dia a dia, e favoreceram o encontro entre os membros da família.

### 3 Desafios e oportunidades a partir dos olhares para a casa e comunidade na vivência do processo da Iniciação à Vida Cristã

No Antigo Testamento, o povo de Israel fez a experiência de um Deus caminhante e libertador na vivência da fé familiar e comunitária. No Novo Testamento, Jesus nos apresenta o projeto de um Deus amoroso, misericordioso e justo; traz na prática o significado da bênção, da aliança e da eleição. Olhando para a história da salvação, sempre houve a necessidade de uma comunidade e de uma família para a sustentação da

<sup>38</sup> FERNANDES, Leonardo Agostini (org.). *Amoris Laetitia em Questão*. São Paulo: Ed. Paulinas, 2018. p. 24.





fé de geração em geração. Nas primeiras comunidades, a fé em Jesus se desenvolveu nas casas, ao redor de uma mesa e da prática da fraternidade.

Os desafios que vivemos hoje tocam, sobretudo, a questão cultural em que o individualismo sufoca os vínculos comunitários, deixando de lado a força do bem comum. Também percebemos, por parte de algumas famílias, e infelizmente por parte de alguns catequistas, quanto ao processo de Iniciação à Vida Cristã, inúmeras perguntas e até resistências, por não conhecerem a riqueza do processo. Elas precisam ser mais esclarecidas. A respeito da Iniciação, afirma Almeida:

*A Iniciação Cristã é vista hoje como necessidade, urgência, caminho não só estratégico, mas evangélico, evangelizador, pastoral. Contornos bem definidos. Passos claros. Ingredientes sólidos. Espírito inspirador. Interlocutores ativos, agindo em primeira pessoa, parceiros corresponsáveis. Despontam experiências. Traçam-se diretrizes. Formam-se agentes. Veem-se e anteveem-se frutos.*<sup>39</sup>

O Papa Francisco, na Encíclica *Fratelli Tutti*, aponta para muitos desafios que servirão para uma reflexão inerente à catequese. Diz-nos que em nossos tempos é impossível sonhar sozinhos, “[...] precisamos de uma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente”.<sup>40</sup>

A Iniciação à Vida Cristã depende de uma comunidade familiar e eclesial. “Uma comunidade de iniciados deverá ser uma comunidade-sujeito: cristãos verdadeiramente iniciados são protagonistas da comunidade e da ação evangelizadora”.<sup>41</sup> É desafio de toda a comunidade cristã fazer das famílias e dos seus catequizandos verdadeiros protagonistas, tendo em vista que precisamos apostar na redescoberta de uma catequese que tenha a característica de Igreja doméstica.

A pandemia trouxe um impacto muito grande, sobretudo no espaço e convivência familiar tendo que se ajustar às muitas fragmentações já existentes. “Encaseirar” foi uma palavra que surgiu com a pandemia.

<sup>39</sup> ALMEIDA, 2010, p. 73.

<sup>40</sup> FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*. Sobre a Fraternidade e a Amizade Social. São Paulo: Paulus, 2020. n. 8, p. 14.

<sup>41</sup> NENTWIG, Roberto. *A inter-relação entre a comunidade evangelizadora e o processo catecumenal de iniciação à vida cristã de adultos*. 153 f. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2011. p. 49.



Isto é, trazer para dentro da casa, em família a Palavra de Deus e ela ser um elemento diário para o sustento da fé.

Estaríamos hoje, assumindo o jeito como Jesus foi educado numa fé familiar e comunitária? Conseguimos ser presença ainda que virtual, diante de tantas famílias acometidas pela pandemia? Avizinhamo-nos para partilhar como Igreja-comunidade às dores vividas pelo afastamento de doentes hospitalizados?

### 3.1 Entre desafios e oportunidades: o crescimento da fé

A educação da fé foi transplantada da família para a paróquia. Por deixarmos a família quase à margem do processo catequético, em tempos passados, agora tivemos que nos adaptar, voltando a valorizar a figura dos pais e familiares. Tomamos consciência de que a grande maioria dos familiares não sabe o que é educação da fé. Ao apresentarem os filhos para fazer um caminho de fé, não sabe que o processo inicial da fé provém da família.

Com a pandemia nos vimos diante de pais despreparados para assumirem a sua missão de testemunhas da fé, como primeiros catequistas. Hoje, é quase impossível pressupor que a fé dos nossos catequizandos dá-se de maneira real. Quando iniciam o processo de uma catequese catecumenal, na verdade deveriam continuar o que já nasceu na família.

O tempo da pandemia tem que ser visto como um tempo de oportunidade, de aprendizado e de chamados para várias mudanças no contexto da sociedade e da Igreja. Somos convidados a ser resilientes, isto é, a nos posicionar frente aos problemas que vivemos agora, pois não voltaremos a fazer da mesma maneira o que fazíamos antes da explosão do coronavírus. A Igreja que vive o discipulado missionário é capaz de tomar atitudes práticas para anunciar o Evangelho a todas as pessoas. Assumimos o que nos diz o cardeal José Tolentino Mendonça: “[...] antes de ser templo, a Igreja foi casa. Jesus saiu do templo e entrou na casa. E aí começou a experiência cristã”.<sup>42</sup> A família é um espaço insubstituível na educação da fé.

Temos em nossas mãos uma grande oportunidade e um desafio: Manter a chama da fé nas famílias, estando em contato de forma contínua,

<sup>42</sup> MENDONÇA, José Tolentino. *Que rosto da Igreja após a pandemia?* 24 de junho de 2020. Disponível em: [https://www.snpcultura.org/que\\_rosto\\_da\\_igreja\\_apos\\_a\\_pandemia\\_cardeal\\_tolentino.html](https://www.snpcultura.org/que_rosto_da_igreja_apos_a_pandemia_cardeal_tolentino.html). Acesso em: 12 ago. 2021.



através de muitos meios que somos capazes de criar, e aproveitar os meios de comunicação, para chegar com a mensagem de Jesus nas casas. Não são conteúdos que a família aguarda, mas uma acolhida, fazendo perceber que Jesus está no meio dela, através de uma proximidade amorosa.

### 3.2 O anúncio da Palavra de Deus como fundamento no caminho da fé

Uma grande oportunidade e um desafio ao mesmo tempo é tornar a Palavra de Deus a centralidade da Iniciação à Vida Cristã e esta Palavra por sua vez necessita ser acolhida no seio familiar. Em nossos dias precisamos olhar ao que acontecia nos primórdios da Igreja, em que os cristãos e cristãs se colocavam na escuta da Palavra. Quando há escuta nos capacitamos a compreender mais os mistérios de Deus e os existentes nos outros, porque sabemos que “[...] a fé provém da escuta e provoca discernimento, conversão e adesão a Jesus Cristo”.<sup>43</sup>

É preciso chegar, o mais rápido possível, aos adultos, sejam os pais, os avós, familiares, padrinhos e madrinhas que cercam os filhos em todas as suas idades, pois o adulto consciente, sendo capaz de argumentar a sua fé será capaz também de “[...] dar as razões de sua esperança” (1Pd 3,15) e transmitir a fé, a esperança e o amor aos próprios filhos.

A Palavra de Deus foi feita por pessoas adultas e letradas também, inicialmente, para adultos, os quais tocados por ela a partilharam com os mais pequeninos, uma vez que a mensagem se dirige a todas as pessoas indistintamente. Partindo dos adultos permitirá “[...] um encontro com a Palavra de Deus que muda a vida e dá sentido ao ser e agir de quem é cristão, corrigindo posturas e aderindo ao modo de ser, de pensar e de agir de Jesus Cristo”.<sup>44</sup> A Leitura Orante da Palavra de Deus, no contexto familiar, permite gerar encontros, partilhas e oração, e buscar a intimidade com Jesus Cristo.

O Decreto *Ad Gentes*, do Concílio Vaticano II, propõe: Começar pelo testemunho evangélico<sup>45</sup>, formar pequenas comunidades ambientais – em nossas famílias ou comunidades, congregar-nos todos e todas em

<sup>43</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. REGIONAL SUL 4. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora em Santa Catarina*. 2019. n. 108, p. 51.

<sup>44</sup> CNBB, 2019, p. 54; Est. 97, 92.

<sup>45</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1987, p. 382; AG, 24.



torno da Palavra<sup>46</sup>, e discernir a realidade que vivemos. Através dos meios virtuais podemos oferecer atividades para muitos, vivendo a sensibilidade diante de diferentes situações de sofrimento, a partir da Palavra de Deus.

### 3.3 A formação diante do desafio da mudança

E, aqui, encontramos-nos diante de outro desafio, também como oportunidade nesta caminhada da Iniciação à Vida Cristã: a formação do catequista.

Os catequistas acostumados à “normalidade” de uma catequese paroquial, viram-se diante de uma realidade totalmente adversa. Um desafio, pois, em muitos aspectos, precisaram adaptar-se a meios desconhecidos como as plataformas digitais, aprender a usar meios na modalidade *online* e a criar vínculos com realidades, antes não percebidas. Um exemplo que podemos citar foi a perda de pessoas da comunidade, sendo isto um conteúdo de catequese.

O Papa Francisco, no dia 30 de janeiro de 2021, nos trouxe palavras de ânimo, dando a ideia da percepção do sentir dos catequistas:

*Caros catequistas, vos peço de não perder o entusiasmo. Como os artesãos, também vocês são chamados a plasmar o anúncio com criatividade. Não cedam ao desencorajamento e ao desconforto. Sempre olhem para o alto apoiados pela misericórdia do Pai. O papa vos encoraja e apoia.*<sup>47</sup>

Mesmo diante das palavras de valorização e de ânimo do Papa Francisco temos ainda diante de nós tempos duros, pois vemos muitos catequistas sem ânimo, sem entusiasmo, sem esforço de continuar a sua missão que exige um parar e um pensar na tentativa de responder algumas questões: Que tipo de formação será necessária em nossos tempos? Formamos para quê e em vista de quê? Atendemos as motivações humanas de cada catequista de hoje? Formamos acompanhadores de catequista? Os catequistas se sentem pertencentes a uma comunidade? Como? Para eles a comunidade é a casa que os abriga nas suas dificuldades e alegrias?

<sup>46</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1987, p. 369; AG, 15.

<sup>47</sup> FRANCISCO. *Discurso aos participantes do encontro promovido pelo Departamento Catequético Nacional da Conferência Episcopal Italiana*. 30 de janeiro de 2021. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/january/documents/papa-francesco\\_20210130\\_ufficio-catechistico-cei.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/january/documents/papa-francesco_20210130_ufficio-catechistico-cei.html). Acesso em: 12 jul. 2021.



## Considerações finais

Procuramos destacar nessas páginas a importância do processo de Iniciação à Vida Cristã, tanto no que concerne à educação da fé, no espaço da casa, quanto no que diz respeito à pertença a uma comunidade cristã. *Família-casa-comunidade* são elementos interconectados, sem os quais não é possível, ou é muito difícil, falar de verdadeiro processo de iniciação e de amadurecimento da fé em Jesus, que tanto valorizou e viveu essas realidades.

Outro tripé que quisemos destacar, a partir da Palavra de Deus, foi *eleição-aliança-bênção*, grandes fios que ajudam na leitura da história da salvação, na qual também nós estamos presentes. Hoje, com uma participação mais convicta de pertença a uma comunidade será possível um entendimento que somos nós os portadores da eleição, da aliança, da bênção e a certeza de que Deus caminha na nossa história. Contamos, através da Iniciação à Vida Cristã, com famílias cristãs mais conscientes da aliança feita com Deus em Jesus e serão as melhores testemunhas da vida nova que Ele nos conquistou.

Os tempos de pandemia nos colocaram em nova posição para analisar muitas realidades do nosso mundo, também as realidades eclesiais, dentre as quais a catequese. Entre desafios e oportunidades, vislumbramos muitas possibilidades de continuar com empenho o processo de evangelização, com métodos adaptados, personalizados, que não esqueçam a importância dos vínculos comunitários. Muito há que fazer, certamente, sempre apoiados na promessa do Senhor, que sempre está conosco (Mt 28,20).

## Referências

ALMEIDA, Antônio José de. *ABC da Iniciação Cristã*. São Paulo: Paulinas, 2010. Coleção Jesus Mestre.

BÍBLIA SAGRADA. 6. ed. Tradução CNBB. Brasília: CNBB; São Paulo: Canção Nova, 2008.

BOFF, Clodovis. *O cotidiano de Maria de Nazaré*. Brasília: Ed. Salesiana, 2003.

CHWARTS, Suzana. A eleição de Israel na Torá. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica* (10), 2021. p. 142. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-8051.cllh.2012.53659>. Acesso em: 5 jan. 2022.



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023*. Brasília: CNBB, 2019. Doc 109.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Iniciação à Vida Cristã: um Processo de Inspiração Catecumenal*. Brasília: CNBB, 2009. Est. 97.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Catequese Renovada*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2014. Doc. 26.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. REGIONAL SUL 4. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora em Santa Catarina*, 2019.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. *A Caminho de um Novo Paradigma para a Catequese*. III Semana Latino-Americana de Catequese. Brasília: CNBB, 2008.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. V, 2007, Aparecida. *Documento de Aparecida: texto conclusivo*. 7. ed. Brasília: CNBB, 2008b. DAp 304.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto Conciliar. *Ad Gentes*. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1987.

FERNANDES, Leonardo Agostini (org.). *Amoris Laetitia em Questão*. São Paulo: Ed. Paulinas, 2018.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti* sobre a Fraternidade e a Amizade Social. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-sinodal Amoris Laetitia*. São Paulo: Loyola, 2016. n. 88, p. 62.

FRANCISCO. *Discurso aos participantes do encontro promovido pelo Departamento Catequético Nacional da Conferência Episcopal Italiana*. 30 de janeiro de 2021. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/january/documents/papa-francesco\\_20210130\\_ufficio-catechistico-cei.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/january/documents/papa-francesco_20210130_ufficio-catechistico-cei.html). Acesso em: 12 jul. 2021.

GIRONI, Primo. *Guia para ler a Bíblia*. São Paulo: São Paulo, 1996.

MACHENZIE, John. *Dicionário Bíblico*. São Paulo. Ed Paulinas, 1983.



MENDONÇA, José Tolentino. *Que rosto da Igreja após a pandemia?* 24 de junho de 2020. Disponível em: [https://www.snpcultura.org/que\\_rosto\\_da\\_igreja\\_apos\\_a\\_pandemia\\_cardeal\\_tolentino.html](https://www.snpcultura.org/que_rosto_da_igreja_apos_a_pandemia_cardeal_tolentino.html). Acesso em: 12 ago. 2021.

NENTWIG, Roberto. *A inter-relação entre a comunidade evangelizadora e o processo catecumenal de iniciação à vida cristã de adultos*. 153 f. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2011.

PAIVA, Vanildo. *A Casa e a Palavra na Catequese*. Anotações da Palestra proferida no 14º Seminário Regional de Catequese e Liturgia. 31 de julho de 2020. Promovido pelo Regional Sul 4 da CNBB, na modalidade remota.